

PROVA DE SELEÇÃO PARA O ANO LETIVO DE 2019

Nome: _____

Data: 11 de março de 2019

Instruções gerais:

1. Das questões propostas, **escolha e responda a somente duas;**
2. Utilize uma folha pautada e carimbada para cada uma das suas duas respostas;
3. Esta prova terá duração máxima de 3 (três) horas. Distribua bem seu tempo e bom trabalho.

Questão 1: O samba-enredo de 2019 da escola de samba Estação Primeira de Mangueira, que pode ser lido a seguir, evoca uma série de elementos que podem ser pensados a partir dos estudos de linguagem. Considerando a letra da canção, aborde um dos itens abaixo:

- a) As noções de intertextualidade e interdiscursividade;
- b) As noções de arbitrariedade absoluta e motivação relativa do signo;
- c) A relação entre ensino de línguas, variedade e identidade.

História pra ninar gente grande

Mangueira, tira a poeira dos porões
Ô, abre alas pros teus heróis de barracões
Dos Brasis que se faz um país de Lecis,
[Jamelões
São verde e rosa as multidões

Brasil, meu nego
Deixa eu te contar
A história que a história não conta
O avesso do mesmo lugar
Na luta é que a gente se encontra

Brasil, meu denço
A Mangueira chegou
Com versos que o livro apagou
Desde 1500
Tem mais invasão do que descobrimento
Tem sangue retinto pisado
Atrás do herói emoldurado
Mulheres, tamoios, mulatos
Eu quero um país que não está no retrato

Brasil, o teu nome é Dandara
E a tua cara é de cariri
Não veio do céu
Nem das mãos de Isabel
A liberdade é um dragão no mar de
[Aracati

Salve os caboclos de julho
Quem foi de aço nos anos de chumbo
Brasil, chegou a vez
De ouvir as Marias, Mahins, Marielles,
[malês

(Compositores: Deivid Domênico em parceria com Manuela Oiticica, Tomaz Miranda, Mama, Marcio Bola, Ronie Oliveira e Danilo Firmino)

Questão 2: Indicando que a “diversidade é constitutiva do ato de ler”, Márcia Abreu destaca em “As variadas formas de ler” modificações e diferenças que podem ser relacionadas a distintas condições históricas e sociológicas:

(...) “nem sempre as pessoas leram e escreveram como lemos e escrevemos. E, mesmo hoje, nem todas as pessoas lêem e escrevem da mesma maneira. (...) A leitura, além de uma história, tem uma sociologia (CHARTIER, 1998). As formas de ler e avaliar os textos variam se se considerarem diferentes classes sociais, regiões, etnias etc.” (ABREU *in* PAIVA *et al.*, 2000, 122).

Tendo em vista o tema destacado pela própria autora, comente o fragmento abaixo transcrito, citando exemplos do próprio texto de Márcia Abreu ou de outras fontes (podendo, inclusive, incluir referências de sua trajetória de formação pessoal como leitor/a ou de sua experiência profissional).

“Em largas passadas, busquei mostrar que a **literatura** é presidida pelo signo da diversidade, quer consideremos as maneiras de ler praticadas ao longo do tempo quer tomemos as relações com o escrito mantidas por distintos grupos culturais. Diferentes leitores, espectadores, ouvintes, produzem apropriações inventivas – e diferenciadas – dos textos que recebem. Para Michel de Certeau, o consumo cultural é ele mesmo uma produção – silenciosa, disseminada, anônima, mas uma produção. O que não significa considerar o leitor como completamente livre, pois ele está submetido a restrições e limites impostos por sua formação cultural e pela forma particular do texto que lê (CERTEAU, 1994)”. (ABREU *in* PAIVA *et al.*, 2000, 124; grifo nosso).

Questão 3: Segundo Rosa Borges e Arivaldo Sacramento de Sousa, em “Filologia e Edição de Texto” (2012, p. 58-59):

[...] a filologia como prática humanística contemporânea é uma tentativa de problematizar a tradição ocidental – etnocêntrica – e recepcionar todas as possibilidades de crítica humanística, fruto das rasuras e investidas dos movimentos feministas, negros, latino-americanos, asiáticos e de outras tradições culturais não-ocidentais. [...] Contemporaneamente, o filólogo tem se conscientizado de que seu papel não é o de empreender uma leitura de asseio, mas de perceber cada “erro” do processo de transmissão como “formas de recepção” (Moreira, 2011) de um texto num dado momento histórico. [...]

Já Ivo Castro, que, em “O Retorno à Filologia”, considera essa disciplina numa acepção ampla de Crítica Textual, diz que:

[...] a filologia permanece uma apesar das suas muitas maneiras, como se poderia dizer de Ulisses. Só que ela não é Ítaca a que se regresse.

A partir dessas considerações, escreva sobre a mudança de perspectiva ocorrida na Filologia, de que fala o trecho destacado do texto de Borges e Sousa, e, no seu entender, como essa disciplina pode contribuir para a formação de um público leitor crítico, assim como para o questionamento de cânones literários.